
- **DISCURSO E HISTÓRIA I**

Coordenador(a): Arnaldo Cortina

"PREPARE SEU CORAÇÃO PRA HISTÓRIA QUE EU VOU CONTAR" - FESTIVAIS DE MPB, DITADURA MILITAR E INTERTEXTUALIDADE

Maria Aparecida Rocha Gouvêa (UNITAU)

A Era dos Festivais de Música Brasileira foi um marco histórico e cultural do nosso país, considerado, até hoje, como um dos momentos mais criativos da nossa música. Os grandes talentos da MPB surgiram dos festivais e, hoje, são reconhecidos nacional e internacionalmente como expressões históricas da nossa música, lembrados como pessoas corajosas que ousaram praticar um discurso contrário ao das forças armadas. No período da ditadura militar, toda forma de opinião contrária ao regime vigente era considerada subversão. Toda mensagem ao povo brasileiro deveria ser aprovada pela Censura. Nesse contexto, os artistas foram perseguidos, humilhados e torturados em nome da ordem nacional. Os festivais eram momentos de catarse em que o povo brasileiro, através do anonimato, manifestava o repúdio àquilo que todos eram obrigados a suportar: o silêncio, a tortura, o pavor diante da força, da arma e do poder. Através deles, o povo aprendeu a inferir, pois a música deveria transmitir uma mensagem política com toda sutileza necessária para passar pela censura. Aprendeu também a vaiar, quando a música não continha uma mensagem politizada ou não satisfazia as expectativas do público. Para atingir essa expectativa, os compositores utilizavam interessantes recursos lingüísticos, dignos de serem analisados por aqueles que se propõem a estudar a língua. Nesse contexto, o intertexto teve papel fundamental, pois o já-dito amparava o discurso dos compositores e, muitas vezes, era utilizado como estratégia de defesa diante dos questionamentos da censura. Este trabalho se propõe a analisar o intertexto presente nas letras das músicas dos grandes festivais, evidenciando como o contexto social influenciou o processo de criação dos compositores brasileiros.

BIBLIOTECAS IMPERIAIS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE LINGUA E NAÇÃO

Maria da Graça Cassano (UFF)

Nossa exposição remete à pesquisa que empreendemos no programa de doutoramento em Estudos Lingüísticos, na Universidade Federal Fluminense. O presente estudo tem como

respaldo teórico e AD francesa e foca a Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro como instâncias discursivas que concorrem para a constituição dos sentidos de leitura, língua e nação no século XIX. A base de nossas análises são os documentos fundantes de ambas as instituições, ou seja, estatutos e regimentos.

HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL: 1960 - 2000

Arnaldo Cortina (UNESP)

Por meio de um levantamento dos livros mais vendidos no Brasil, o trabalho pretende delinear um perfil do leitor brasileiro durante as quatro últimas décadas do século XX. Esse levantamento é fruto de uma pesquisa realizada em dois diferentes jornais brasileiros. O primeiro é o jornal "Leia", que circulou no país durante o período de tempo compreendido entre abril de 1978 a setembro de 1991. O segundo é o "Jornal do Brasil", editado na cidade do Rio de Janeiro, e que publicou listas dos livros mais vendidos no país desde 1966 até 2000, com alguns períodos de interrupção. O levantamento de todo material da pesquisa foi financiado pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

A partir da detecção dos livros mais vendidos nesse período, propomos, no curto espaço de tempo da comunicação do Seminário do GEL, fazer uma apresentação dessa coleta e esboçar uma interpretação crítica dos dados. O prosseguimento da pesquisa consistirá na análise das obras mais vendidas com o objetivo de construir o imaginário dos leitores brasileiros que as escolheram para ler. O suporte teórico-metodológico a partir do qual será realizada a análise da configuração temática dos livros mais lidos é o da semiótica greimasiana, ao mesmo tempo em que o estudo da contextualização da leitura brasileira estará ancorado na perspectiva sócio-histórica.

O DISCURSO REPUBLICANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA.

Ricardo Nascimento Abreu (UFS)

Este texto analisará o discurso dos republicanos em Sergipe, que no afã de garantir sua hegemonia existencial, puseram-se a negar veementemente os valores imperiais. Desta postura, duas representações foram construídas acerca da fase imperial da província. A primeira diz respeito a formação da intelectualidade sergipana. Para os republicanos, Sergipe Imperial era uma terra desprovida de capital intelectual, uma vez que seus ilustres migravam para outras localidades que lhes permitisse melhores condições de viver. A segunda consequência, oriunda diretamente da primeira, afirmava, não haver em Sergipe uma vida cultural que justificasse estudos acerca das produções artísticas e literárias. (Palavras-chave. Sergipe; República; Império; História; Memória; Discurso).